

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES *ONLINE*: indivíduos, redes e comunidades.

Cecilia Tamplenizza

Do imaginário para a carne

Para quem fala em *cibercultura*, a internet é um espaço no qual se produz cultura; é o lugar onde estamos quando conectados, onde nos conhecemos, realizamos trocas, identificamo-nos, significamos, ressignificamos e criamos novas identificações. Esse lugar é chamado de ciberespaço.

A palavra ciberespaço foi pela primeira vez utilizada pelo romancista *ciberpunk* William Gibson, no seu livro *Neuromancien* de 1984, indicando o universo de redes digitais como um lugar de encontros e de aventuras, um terreno de conflitos mundiais, a nova fronteira econômica e cultural.

“O ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida quotidianamente por dezenas de milhares de operadores em todos os países....Uma representação gráfica de dados extraídos das memórias de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Traços de luz dispostos no não-espaço do espírito...” (Gibson, W, *Neuromancien*. Paris: J'ai Lu, 1985, p.64). A *Matrix* como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibernautas vão penetrar. (Lemos, 2004, p. 127)

Para Gibson o ciberespaço é uma espécie de caricatura do real. Representa o conjunto de dados das redes de telecomunicações digitais: o que hoje chamamos de rede internet. Cabe ressaltar que nessa época, 1984, ainda não existia a internet como conhecemos hoje. Para identificar um lugar concreto, acessível através de uma tecnologia de computação, nos referimos a internet como sendo a *web*, um sistema de documentos hipermídia executados *online* aos quais acessamos através de programas, como também a possibilidade de nos relacionarmos interligando serviços *onlines* como os de telecomunicação e os *videogames*. Todas essas possibilidades abertas pela internet foram, por exemplo, influenciadas pelas artes humanas como a literatura que contribuiu em criar o imaginário sobre esse “mundo paralelo”.

Vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, vi meu rosto e minhas vísceras, vi o teu rosto e senti vertigem e chorei porque meus olhos haviam visto esse objeto secreto e conjuntural cujo nome os homens usurpam, mas que nenhum tem olhado: o inconcebível universo. Senti infinita veneração, infinita lástima. (BORGES, 1972, p. 134)

Desde o célebre mito da caverna de Platão, escrito entre o 390 e o 360 a.C. no VII livro de República (515a e ss), essas criações habitam e criam o pensamento do homem. Na narração do mito, após Platão ter descrito a condição dos prisioneiros, atados dentro uma caverna e olhando para as sombras como sendo a realidade, Glaucon, seu companheiro de viagem, afirma: “Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros”, “São iguais a nós” responde Platão (SARAMAGO, 2000, p. 4). Hoje, ler certos mitos, lendas e narrativas literárias, faz pensar no imaginário que permitiu conceber a internet como hoje a conhecemos. Ao mesmo tempo, nessas narrativas encontramos o desejo de compreensão e de explicação metafórica do sentimento de totalidade no qual a humanidade se unifica e se reconhece. Nesse sentido, para Lemos, o ciberespaço “se encontra preso em estruturas arcaicas, imaginárias e simbólicas de toda a vida em sociedade.” (LEMOS, 2004, p. 127) Hoje, estudando a *web*, é necessário considerar e valorizar as características construtivas do ciberespaço. Passamos de uma época na qual a imaginação do homem criou o ciberespaço, a outra na qual o ciberespaço passa a ser espaço de construção de virtualidade real e de transformação do homem.

Podemos entender então o espaço cibernético segundo duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado, na

realidade virtual, e como o conjunto de redes de computadores, interligadas, ou não, em todo o planeta. André Lemos também define o ciberespaço na dupla ótica, proposta por Christina Hine, que analisa a internet como artefato cultural e como espaço de criação e produção de cultura, acrescentando que:

Estamos caminhando para uma interligação total das duas concepções do ciberespaço, pois as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões. O ciberespaço é assim uma entidade real, parte virtual da cibercultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos. Ele não é desconectado da realidade mas um complexificador do real. Como afirma Kellogg, ele aumenta a realidade, já que supre o espaço físico em três dimensões de uma nova camada eletrônica. No lugar de um espaço fechado, desligado do mundo real, o ciberespaço colabora para a criação de uma «realidade aumentada». (LEMOS, 2004, p. 128)

Manuel Castells ajuda a entender desde essa perspectiva o significado do termo ‘virtual’ quando afirma no seu livro Sociedade em rede que:

Culturas são formadas por processos de comunicação. E todas as formas de comunicação, como Roland Barthes e Jean Baudrillard nos ensinaram há muitos anos, são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto não há separação entre “realidade” e representação simbólica. Em toda as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução da realidade virtual, mas a construção da virtualidade real. (CASTELLS, 1999, pp. 394-395)

Referindo-se a semiótica Castells complexifica a ideia de internet como uma “realidade aumentada” dizendo que: do ponto de vista da comunicação o virtual existe na prática e o real é de fato. Desde essa perspectiva a realidade seria, desde sempre, virtual, porque percebida por meio de símbolos, fato que é ainda mais fácil de entender se referido à comunicação na internet. Mas, é importante notar que essa criação virtual não acontece só no ciberespaço, mas também na realidade física. As relações entre pessoas, segundo Lévy, produzem

espaços heterogêneos e entrelaçados, como no caso de uma comunicação entre duas pessoas que cria um espaço virtual, que não pode ser capturado. Nas palavras de Lévy:

As relações entre homens produzem espaços heterogêneos entrelaçados. Esses espaços plásticos se produzem nas relações entre as pessoas e compreendem ao mesmo tempo as mensagens, as representações que ela evocam, as pessoas que as trocam, a situação como um todo, tal como é produzida pelos participantes. (LÉVY, 2007, p. 125)

Mas, se a comunicação envolve a situação como um todo, então, ela se caracteriza também por sua prática e pelos efeitos materiais que essa tem sobre as pessoas e as situações, de maneira que o virtual enquanto prática humana desencadeia efeitos reais e materiais.

Com a criação da internet se desvela a aparente dicotomia entre uma realidade real, física e objetiva, e uma realidade virtual, imaginada e subjetiva. Esse dualismo se aproxima e parece ser herdeiro do antigo paradoxo da separação entre sujeito e objeto no qual o homem ocidental assume Descartes e o seu: “*Cogito ergo sum*”, é a partir do século XVII que é forjada à noção de sujeito e da subjetividade.

De acordo com essa imagem, a existência do sujeito é idêntica ao seu pensamento. A relação entre um ser interior que pensa e um exterior do qual o ser pensante está asceticamente separado é uma relação de identidade. De um lado, o sujeito, do outro lado, os objetos. (SANTAELLA, 2004, p. 13)

Hoje, entendemos a *web* como um espaço que, metaforicamente, permite capturar a imaginação do homem, a virtualidade e colocá-la num lugar *real*, concreto. Criamos um espaço onde, em escala mundial, o homem se aproxima fisicamente à sensação de que essa dicotomia, real/virtual, matéria/mente, pode ser superada.

Lucia Santaella (2009, p. 124-125), investigando a relação entre corpo físico e ciberespaço, aponta uma questão interessante para essa discussão. A autora mostra quanto a dicotomia corpo/mente seja ainda presente, tanto nas ideias dos teóricos (Hayles, 1999; Heim, 1993) que diagnosticam a “atrofia” e o “esquecimento” do corpo físico no ciberespaço e que “ênfatizam o papel de um

corpo imaterial em detrimento do corpo físico”, como também nas afirmações dos autores (Bailey, 1996; Tenhaaf, 1996) que, ao contrário, enfatizam o corpo físico afirmando que “o corpo físico permanece como referente. E sem ele o ciberespaço nem faria sentido”. Santaella continua dialogando sobre esse assunto citando Tenhaaf (1996, p. 60) que, na mesma linha de Bailey, afirma:

A experiência é intensificada pelo sentido de que esse espaço projetado tem um poder metafísico, ele parece ser ou imputa-se que seja um recurso de controle que se auto-sustenta para além da autoria, um aparato simbólico fora do eu com a capacidade de ordenar a representação e construir o sujeito percebido. Em vez de um fluxo bidirecional, é uma absorção que reconstitui o controle de uma poderosa fonte externa (ib).

Lucia Santaella se opõe a essa distinção e propõe substituir a terminologia corpo real e corpo virtual em corpo carnal e corpo alternativo. Pois concorda que não há oposição epistemológica mais equivocada do que a oposição entre real e virtual. Para ela a diferença não está no ser real ou não sê-lo, mas no tipo de realidade e fisicalidade às quais nos referimos. Retomando a teoria ecológica da percepção, desenvolvida por Gibson (1986), ela afirma:

Contra quaisquer formas de dualismo entre mente/matéria e mente/corpo, para a ecologia perceptiva, há múltiplos níveis de realidade e a percepção resulta de fatores evolutivos e adaptativos a vários tipos de ambiente. Ela se dá num *continuum* sensorial em que não há como separar do seu entorno aquele que percebe. O *continuum* também implica o acoplamento entre percepção e propriocepção. Esta compreende o conhecimento do corpo próprio dentro do ambiente. A propriocepção é muscular, articular, vestibular, cutânea, auditiva e visual. As atividades perceptivas, por meio de sistemas exteroceptivos, proprioceptivos e performativos, são exploratórias, implicam a reciprocidade entre a atividade perceptiva e a estimulação efetiva e estão enraizadas no ecossistema. (SANTAELLA, 2009, p. 128-129)

A autora chega, assim, a essa conclusão: se a realidade percebida em si apresenta níveis múltiplos, o ciberespaço se apresenta como um desses níveis, “a realidade simulada se integra ao ecossistema como um dos seus níveis”. Mantendo o *continuum* a percepção se adapta a esses novos espaços sem necessa-

riamente ter que determinar uma separação drástica entre o que se chama de espaços virtuais e físicos.

O *continuum* perceptivo inclui a percepção do próprio corpo, do seu entorno e a estimulação efetiva e, na maior parte das vezes, sinestésica que o ciberespaço apresenta ao percebido e ao qual este reage como agente performativo, pois navegar no ciberespaço significa interagir perceptiva e mentalmente com os estímulos sensoriais voláteis que se apresentam. (SANTAELLA, 2009, p. 129)

Essa compreensão do ciberespaço aponta para a necessidade que hoje temos de refletir sobre as transformações que estão sendo proporcionadas no nível do imaginário e da percepção do homem e de como elas influem nas maneiras de nos relacionarmos. Não simplesmente porque a internet cria um novo acesso aos outros que são distantes e que se reúnem uma vez que estão conectados, mas também porque ela nos faz refletir sobre a nossa maneira de nos relacionarmos. Para Pierre Lévy, a internet pode ser pensada como o lugar onde se materializam as relações humanas. No sentido que:

As relações entre homens produzem espaços heterogêneos entrelaçados. Esses espaços plásticos se produzem nas relações entre as pessoas e compreendem ao mesmo tempo as mensagens, as representações que ela evocam, as pessoas que as trocam, a situação como um todo, tal como é produzida pelos participantes. (LÉVY, 2001, p. 125)

Ao participar de um bate-papo *online*, por exemplo, no monitor observamos digitar as palavras das nossas conversações, que já não são somente palavras, mas também *emoticons*, sons, imagens, vídeos, que, em ausência de *webcam* tentam representar os nossos estados emocionais. Adquirimos outra maneira de criar realidades que chamamos de virtuais.

Portanto o que é historicamente específico no novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação do tipográfico ao sensorial, não é a indução da realidade virtual, mas a construção da virtualidade real. (CASTELLS, 1998, p. 395)

Para o geógrafo Milton Santos quando afirma: “se o ser é a existência em potência, segundo Sartre, e a existência é o ser em ato, a sociedade seria, assim, o Ser e o espaço, a Existência. É o espaço que, afinal, permite a sociedade global realizar-se como fenômeno.” (SANTOS, 2009a, p. 119) O espaço não é simplesmente um recipiente da história, mas, a condição da sua realização e vice-versa. “A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal.” (SANTOS, 1992, p. 22) Parafrazeando Santos podemos pensar no ciberespaço como a sociedade em ato. A humanidade se reconhece como *totalidade* no ciberespaço e cria novas definições, como no caso da cultura, da cibercultura. Vivemos um processo definitório em constante reajuste, de forma que é possível distinguir entre a cibercultura antiga, ou seja, o contexto cultural da informação tecnológica, e cibercultura contemporânea, aquela que representa um aproximar específico ao complexo estudo da cultura e da tecnologia. Desde esse ponto de vista não parece ser mais aceitável a célebre afirmação de McLuhan: “o meio é a mensagem”, mas a mensagem se apresenta como o resultado da mudança que o próprio meio produz. Na perspectiva abordada por Manuel Castells, a *rede* se converte na mensagem tanto que hoje não é mais possível entender a sociedade sem compreender seus aspectos “virtu-reais”, materiais e organizacionais.

As novas possibilidades de criação de conteúdos são também um exemplo eficaz para entender como o espaço transforma a sociedade e, com ela, as suas formas de se comunicar, de existir. Pensemos nas transformações sociais que hipertexto, multimídia interativa, *videogames*, simulação, telepresença, *groupware*, vida artificial, etc...conseguem proporcionar no cotidiano das pessoas, mudando as relações entre cidadãos e com o espaço urbano, e no que concerne as relações globais, aproximando sociedades longínquas, antes inacessíveis. Encontramos hibridações entre as linguagens das novas mídias e das mídias tradicionais. Para Santella, a continuidade é a característica da hibridação:

Hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e híbrido: a comunicação oral que ainda persiste com força, a escrita, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível, e a cibercultura que é a cultura do acesso. (SANTAELLA, 2003, p. 27)

Por cibercultura entendemos, então, as informações, imagens, sons, textos, etc., que circulam nas redes das telecomunicações e das informações, na *web*. Comunidades e redes sociais *onlines* são uma parte desse universo em construção que, hoje, estão em sua fase nascente, no seu estado “embrionário”. Mas cibercultura é também uma maneira de atuar típica do ciberespaço, uma cultura que nos reúne num único fazer que começa com os nossos dedos digitando num teclado na frente de um monitor, com uma conexão internet ativa, para o que precisar ou chegar. Saindo do imaginário do homem, a internet volta-se para a sua carne, influencia-nos em nossos hábitos cotidianos, em nosso fazer físico.

Jean Baudrillard (*apud* CASALEGNO, 2006, p. 126) alerta para o fato de que as palavras, os olhares e os gestos encontram-se no espaço da comunicação numa situação de contiguidade constante, ainda que jamais se toquem.

A tela interativa, telemática, é, ao mesmo tempo, muito próxima e muito distante: muito próxima para ser verdadeira e ter a intensidade dramática de uma cena; muito distante para ser falsa e ter a distância cúmplice do artifício. Ela cria uma dimensão que não é mais exatamente humana, uma dimensão excêntrica que corresponde a uma despolarização do espaço e a uma indistinção das figuras do corpo.

Vemos que com a sociabilidade virtual, que é parte integrante do sistema de relacionamento do homem e, portanto, em relação com a sociabilidade física tradicional, instaura-se um paradoxo: o ciberespaço ao mesmo tempo em que abre espaço para novas maneiras e possibilidades de sociabilidade tanto na distância quanto na contiguidade, também exacerba o individualismo ao ponto de desnaturar a dimensão relacional.

Para continuar essa reflexão sobre a interdependência virtual, tomamos como exemplo as ditas Redes Sociais, ou *sites* de relacionamento que, além de serem sempre mais utilizados pelos usuários do mundo inteiro, estão aos poucos modificando a maneira de nos relacionarmos. Vamos traçar uma breve história do conceito de rede social e observar a relevância da sociologia na idealização desses *sites*, de maneira que modelos de análise se tornaram padrões de atuação.

De modelos de análise à padrões de atuação

No meio acadêmico a terminologia ‘rede social’ começou a ser empregada há cerca de um século, para designar um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social, em diferentes níveis, desde o interpessoal até o internacional. Como apontam diversas pesquisas, a trajetória dos estudos sobre redes sociais no cenário acadêmico internacional pode ser dividida em quatro fases fundamentais.

Entre os anos 1930 e 1970, principalmente nos Estados Unidos, no marco estruturalista e funcionalista da Antropologia (escola de Manchester), da Sociologia (Universidade de Harvard) e da Psicologia Social, desenvolvem-se as análises sociométricas das organizações sociais, que procuravam identificar quais eram os padrões que geriam os vínculos interpessoais, diferenciando contextos sociais específicos, como também investigavam as relações comunitárias em tribos e aldeias.

Esses estudos levaram ao desenvolvimento, a partir dos anos 70, do *Social Network Analysis* (ou Análise de Redes Sociais) uma perspectiva teórica e metodológica específica para o estudo das redes sociais. Numa primeira fase esses estudos aconteciam com o apoio de programas de computador restritos a pesquisadores familiarizados com a linguagem matemática e acostumados a metodologias quantitativas e ao uso da tecnologia. A partir da metade dos anos ‘80, com o surgimento de :

Pesquisas multidisciplinares motivadas pelo aumento da complexidade da vida urbana e pelas comunicações mediadas por computador, [...] em que as metáforas de rede são retomadas como base para análise de fluxos de informação através das interações entre pessoas, grupos humanos e organizações, sob forte influência da teoria dos sistemas.¹ (AGUIAR, 2006, p. 11)

Partindo do ponto de vista de que a sociedade pode ser analisada com um conjunto de redes ou como uma malha de redes, os pesquisadores de Social

1. Veja-se o Relatório final de pesquisa, Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação, Pesquisa elaborada por Sonia Aguiar, na condição de pesquisadora associada do Nupef, no período de março a agosto de 2006, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=24&skip=50&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=80&pagina=2&selectaction=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=null&ordem=null>, acesso em 30/08/2011.

Network Analysis observam que: “[...] la società può essere considerata come un intreccio complesso di relazioni sociali variamente strutturate, ed è proprio questo “intreccio” nel suo complesso a costituire il focus centrale dell’analisi;”²

A partir dessa concepção todo fenômeno social começa a ser lido em termos de condição relacional e estrutural. A estrutura é identificada a partir das relações geradas das ações que indivíduos e atores sociais mantêm entre eles. Uma vez que é estabelecida, a estrutura social influencia os indivíduos, levando-os a reproduzir ações definidas e determinando a modalidade com a qual as relações são estabelecidas. A *social network* é definida como uma estrutura social composta por nós coligados por diferentes tipos de interdependências, como os valores, as visões, as ideias, as amizades, as afinidades, os conflitos ou os acordos. O conjunto desses nós e laços cria a trama que compõe a rede social. Os nós são os atores sociais e os laços são as relações que acontecem entre eles. A atenção é centrada nos indivíduos como atores sociais que se relacionam entre eles e interagem com o sistema social. De forma que a *relação* converte-se numa parte constitutiva da sociedade. Sem considerá-la como tal não podemos falar em *nós*, mas em indivíduos, e não podemos conceituar a rede, e então, nem a sociedade.

Em sociologia não é exclusiva a utilização da palavra ‘rede’ para a representação da sociedade desde o ponto de vista relacional. Outro conceito utilizado é o de ‘sistema’, adotado pelos que consideram a sociedade como um *sistema de relações sociais*. Tal como falamos em *nós e laços* para representar e descrever em forma de rede as relações sociais analisadas pelos *Social Network Analysis*, o sociólogo Niklas Luhmann descreve as relações sociais adotando a terminologia utilizada pelo sociólogo Talcott Parsons³, compartilhando com ele a visão sistêmica da sociedade e mantendo um aproximação estrutural-funcionalista. Luhmann evidencia que em sistemas sociais a importância da *relação* incide para a definição da *unidade mínima de sistema*, ou seja, a menor parte de um sistema.

Segundo Luhmann, uma das possibilidades que temos para analisar um sistema social é a de decompô-lo numa relação entre elementos (nós) e rela-

ções (laços) “onde não há elementos sem ligação relacional ou relações sem elementos.” (apud CAVALLO, 2010, p. 19) Um elemento é a unidade mínima do sistema, mas, alerta Niklas Luhmann, de fato não é possível considerar um elemento como parte de sistema indivisível, já que, os parâmetros para as subdivisões são infinitos e sempre podemos decompor um elemento com maior profundidade, a depender da perspectiva do sistema adotado. A relação entre os elementos é o que permite defini-los como a menor parte de um sistema, daquele que está sendo analisado. Estudar a sociedade desde o ponto de vista do sistema confere a unidade dos elementos, assinando-lhes a tarefa da criação das relações.

Num sistema social não são mais os indivíduos (SNA) ou a ação (Parsons) entre eles a representar a unidade mínima do sistema, mas é a comunicação.⁴ Para Luhmann, a ação é definida como uma parte da comunicação. Comunicar significa selecionar e simplificar reduzindo a *complexidade* do sistema. A ação, então, há de ser considerada junto com a seleção do que é enunciado e do que é recebido. Esse não é só o caminho para que os indivíduos criem o sistema social (Parsons), mas, constitui também uma rede de relações, que é a comunicação. (CAVALLO, 2010, p. 29) De forma que a ação assume importância para os processos de auto-observação e auto-descrição e a comunicação se converte na unidade mínima para a auto-criação.

Cavallo afirma existir uma diferenciação importante entre a utilização do conceito de rede e de sistema. Para Luhmann, existe uma barreira que divide o sistema do ambiente. Enquanto o mundo representa a complexidade e multiplicidade, o ambiente define as limitações e as possibilidades realizáveis, dependendo de cada situação. O sistema revela a seleção e realização efetiva das possibilidades oferecidas pelo ambiente. De forma que se o indivíduo é o sistema, seu contexto social determina o seu ambiente. Se o sistema é a sociedade, o indivíduo representa parte do seu ambiente. No modelo em rede essa separação entre sistema e ambiente não existe mais.

A rede pode ser mutável, instável, em contínua transformação e aberta, portanto é uma representação que combina com o pensamento da complexidade. Se o conceito de sistema pode ser usado para observar a parte mecânica

2. “A sociedade pode ser considerada como uma complexa teia de relações sociais estruturadas em formas diferentes, e é este “enredo” na sua complexidade de relações sociais como um todo a ser o foco central da análise.” (T.A.) em *L’analisi delle reti sociali*. Disponível em: <<http://sna.dss.unipi.it/Analisi%20delle%20reti.html>>, acesso em 29/08/2011.

3. Para aprofundar o argumento da visão sistêmica da sociedade ver PARSONS, *The social system*. London: Routledge, 1991.

4. Para aprofundar esse argumento ver LUHMANN, *Social systems*. 1995, cap. 4, p. 137. Onde a partir dos estudos de Pearson, dicotomia sistema/ambiente, Luhmann identifica as características dos sistemas, e introduz o novo paradigma de sistema autopoietico, onde os sistemas se orientam referente a um determinado ambiente e não poderiam existir sem ele. Do outro lado pode-se identificar por cada sistema um ambiente diferente porque dele se alimenta.

da rede, de forma funcional, a noção de rede compreende as relações não funcionais e informais, que formam a parte comunitária da vida social e relacional.

Anche l'individuo viene riconcettualizzato nella logica della rete. Che rappresenti un nodo o che faccia parte di una collettività che va a formare un nodo, esso acquisisce importanza sia in quanto costruzione sociale che occupa determinati ruoli e status, sia come soggetto in se e per se, espressione della propria autonomia. Allora si può passare dal considerare la rete come espressione della società, a una analisi molto più circoscritta, che parte dal singolo individuo e studia la rete di relazioni che appartiene al soggetto e in cui il soggetto si trova coinvolto.⁵ (CAVALLO, 2010, p. 33)

Observar a internet a partir da lógica dos indivíduos, dos seus humores, instabilidades, gostos, vaidades, simpatias, etc., permite identificar como está sendo composto o imaginário na internet. É uma construção mundialmente acessível que rege as atuais relações sociais e se difunde junto com valores e formas de fazer social.

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-se ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. (CASTELLS, 1999, p. 22)

Na lógica da convergência e do princípio segundo o qual quando novas técnicas se estabelecem, absorvem as anteriores, Manuel Castells procura as raízes dessa reestruturação das relações sociais centradas no indivíduo nos processos da crise do patriarcalismo e da subsequente desintegração da família nuclear tradicional ocidental. Esses processos, nas sociedades ocidentais, têm se manifestados a partir do final do século XIX e, hoje, continuam se disseminado entre as diversas sociedades também por meio das redes informáticas.

5. "Também o indivíduo é reconceitualizado na lógica da rede. Que represente um nó ou que seja parte de uma coletividade que constitui um nó, esse adquire importância, tanto como construção social que personifica determinados papéis e estados, tanto como sujeito em si e por si, expressão de uma própria autonomia. Ao invés de considerar a rede como expressão da sociedade, pode-se passar à uma análise mais circunscrita, que começa pelo indivíduo e estuda a rede de relações que pertence ao sujeito e na qual o sujeito está envolvido." (T.A.)

Assim não é a Internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade. O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. (CASTELLS, 2001, p. 108)

Não é com a internet que se cria o conceito de rede social, mas, na internet são propostos serviços e formas de comunicar que são funcionais às redes sociais já existentes. Essa reflexão coloca o conceito de rede social na internet no *continuum* e permite observar de uma forma complexa as duas características que fundamentam hoje a sociedade e que, desde a chegada da internet, representam suas dinâmicas sociais principais: a relação e a comunicação.

Nos *sites* de relacionamento *online*, somos convidados, como condição necessária para participar, a encontrar pessoas e a nos comunicar com elas. Essas ações acontecem a partir do nosso perfil pessoal para o exterior, ou seja, para os outros usuários. A criação do nosso perfil é usualmente associada como uma prática individual de projeção do próprio 'eu', uma verdadeira criação de identidade. Mas então a comunicação nas redes sociais é uma prática individual ou comunitária?

De indivíduos à comunidades *online*

No começo dos estudos das redes sociais na internet essa discussão parecia configurar-se como um *aut-aut*, entre os que valorizavam os aspectos colaborativos e comunitários e os que negavam sua existência optando para uma visão pessimista centrada no cínico individualismo. Pensamos nos intelectuais chamados "apocalípticos da internet", como Paul Virilio e Jean Baudrillard, que estimularam um discurso centrado na desumanização causada pela racionalização técnica do social, que, na falta de confiança na cultura técnico-científica ocidental, considera como "estilo de vida que viola e destrói a relação autêntica do homem consigo mesmo e com a natureza [...] além de estar ligada, inelutavelmente, entre outras coisas, ao sistema de exploração capitalista e as suas tendências imperialistas." (CASALEGNO, 2006, p. 22-23)

André Lemos (1999, p. 94) lembra que, para Baudrillard, a comunicação mediada na internet provoca o deserto social e, para Virilio, a "cibercultura é

simulação, uma requisição (Heiddeger) digital do mundo.” Mas, para Lemos não é possível reduzir a rede de computadores a simples computação e cita Murphy como opositor a essa visão apocalíptica que consideraria como obsoleta, enquanto, segundo ele, a técnica não afeta o indivíduo de maneira causal. Para Murphy: “um fenômeno não tem nunca um impacto direto sobre os indivíduos e isso porque a imaginação é indissociável da realidade. [...] A realidade é apenas uma interpretação que dura.” (*apud* LEMOS, 1999, p.74)

Hoje, uma postura definitiva não é possível. Na internet se observam indivíduos que navegam para satisfazer suas necessidades e desejos, usuários aos quais estão sendo fornecidas ferramentas comunicativas que lhes permitem ser sempre mais independentes e ativos. Essa discussão remete às possibilidades fornecidas aos usuários, que conferem o poder da criação e personalização. A partir do indivíduo que se relaciona com outros chegamos à personalização de tais relações, ampliando o conceito de comunidade ao de rede. Várias vezes na internet os indivíduos que atuam numa comunidade ultrapassam os espaços delimitados pelos serviços de relacionamento, estendendo sua atuação para outros serviços, difundindo uma espécie de privatização da socialização. Formam-se redes de contatos que circulam ao redor dos ‘eus’ de cada usuário e são mantidas graças às ligações que esses usuários têm em comum. Assim, o centro da rede é cada indivíduo, que se converte no dono da sua comunidade, da qual participam os contatos com os quais ele se identifica e aceita. Os italianos Marino Cavallo e Federico Spadoni (2010, p.72) falam em uma “*network* io-centrato costruito da relazioni che Castells definisce terziarie.”⁶ As relações terciárias surgem da superação das relações primárias, os laços com a família, e das relações secundárias, por exemplo, as associações.

No ciberespaço, nós, homens, podemos conectar-nos, observar-nos, encontrar-nos com outros, a partir do *nosso* computador, a *nostra* cadeira, o *nosso* monitor. Entre o espaço físico e ciberespaço existe, então, uma relação dialética que nos permite reinterpretar, em maneira coletiva, a indissolubilidade entre o corpo físico e o virtual. Lúcia Santaella lembra que:

Para Dourish (Dourish, 2006, p.6), entretanto, o mundo tecnológico não está separado do mundo físico, mas está incrustado nele, fornecendo novos modos de compreendê-lo e se apropriar dele. A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais.

6. “eu-centrada e construída, pelas relações que Castells define como terciárias.” (T.A.)

Não é por meio de uma esfera separada que isso se dá, mas pela abertura de modalidades diferenciais de práticas que se inserem à sua maneira na vida cotidiana, refletindo e condicionando novas formas de acesso à informação e ao conhecimento. (SANTAELLA, 2008, p. 96)

Os usuários que participam das redes sociais na internet não somente habitam o ciberespaço, mas determinam sua existência já que, como aponta Santaella (2008, p. 96): “sem a manipulação remota dessa representação por uma pessoa fisicamente situada, o espaço virtual não teria existência.” Essa dimensão criativa, o ato produtivo, é feito em solidão, fato que influencia a forma de relacionamento na rede. Uma espécie de fragmentação social, na qual o indivíduo toma consciência do seu *eu*, que cuida por meio da atualização do perfil, colocando fotografias e postagens de pequenas mensagens para informar o próprio estado de ânimo. Essas atualizações coincidem com afirmar “eu existo”, ao mesmo tempo, podem ser direcionadas à toda a rede, mas também é possível que ninguém as leia. Sherry Turkle (1997, p. 30) afirma que “Interactive and reactive, the computer offers the illusion of companionship without the demands of friendship.”⁷ É possível ser solitário sem nunca estar só. Essa afirmação introduz outro aspecto fundamental e inovador da rede que é o de facilitar a comunicação reduzindo a inibição do cara-a-cara, isso acrescenta as possibilidades comunicativas e relacionais dos indivíduos, abre a porta para a criação de múltiplos *eu* e cria a possibilidade de viver simultaneamente uma dimensão relacional e uma solitária.

Uma vez conectados, temos a possibilidade de nos relacionarmos com os outros e de criar redes de contatos com os quais podemos interagir utilizando formas de comunicação originariamente típicas do mundo da computação e, sucessivamente, do universo da *web* como e-mail, chats, fóruns e blogs. Todas elas têm funções e objetivos diferentes e absorvem diversas necessidades no cotidiano das pessoas, que podem ser resumidas com esses termos: confidencialidade, instantaneidade, pluralidade, singularidade. Hoje, todos esses instrumentos comunicativos podem ser utilizados simultaneamente a partir da criação de um único perfil usuário, já que são fornecidos de forma simultânea aos usuários desses sites. Tornamo-nos responsáveis pela criação, publicação e reprodução de conteúdos acessíveis ao público que é parte da nossa rede.

7. “Interativo e reativo, o computador oferece a ilusão de companhia sem exigir amizade.” (T.A.)

Hoje, não é permitida só a troca de mensagens escritas, mas também hipertextuais, visuais e sonoras. Para o filósofo Pierre Lévy:

Mais do que nunca, a imagem e o som podem tornar-se os pontos de apoio de novas tecnologias intelectuais. Uma vez digitalizada, a imagem animada, por exemplo, pode ser decomposta, recomposta, indexada, ordenada, comentada, associada no interior de hiperdocumentos multimídias. (LÉVY, 1993, p.103)

Nos interessa, nesse momento, concentrar a atenção sobre a questão da interação simultânea dos instrumentos comunicativos. Anteriormente, precisávamos de um *account* e-mail para poder enviar uma carta pessoal a um amigo, mas também de outro *account* IRC ou similar para, de repente, resolver em tempo real juntos com outras pessoas uma questão importante. Era necessário criar outro usuário para nos inscrever em fóruns e participar e alimentar discussões *online*. Enfim, para realizar um ‘diário *online*’, criar a nossa página *web*, sem ser profissionais das linguagens informáticas HTML ou CSS, mais uma vez, precisávamos de outra senha, outro *username*, outro endereço... Para beneficiar de cada evolução comunicativa no mínimo tínhamos que abrir uma conta, escolher um nome usuário, que às vezes não era disponível e nos lembrar de cada senha. Hoje, todas essas práticas comunicativas estão confluindo num único serviço ao qual acessamos por meio de um único e-mail e a partir do qual criamos o nosso perfil.

Ainda nos encontramos numa primeira fase dessa etapa, na qual podemos observar o confluir dessas formas comunicativas e a ‘boa disposição’ das empresas provedoras dos diferentes serviços em permitir essa conjunção e deixar os usuários se comunicarem entre os diferentes serviços, por meio, por exemplo, do compartilhamento de contatos, postagens de *links* e de notícias. Podemos, por exemplo, publicar um vídeo do Youtube no Facebook ou no Google. Se gostamos de um vídeo no Youtube, podemos fazer de forma que os nossos amigos do Facebook sejam informados automaticamente com a sinalização desse evento no nosso perfil. Podemos fazer uma pesquisa dos usuários do Facebook ou Google por meio do nosso endereço e-mail ou anunciar o nosso blog em das outras redes, etc.

Essa convergência acelera a possibilidade que as memórias individuais têm de se tornarem coletivas. Se anteriormente, para que isso fosse possível, era

preciso muito tempo e trabalho, hoje isso acontece de uma forma muito mais rápida. Henry Jenkins fala do fenômeno da *convergência* das formas comunicativas tradicionais com as novas, ele observa essa tendência seja desde o ponto de vista das técnicas que dos conteúdos. “Bem-vindo à cultura da convergência, aonde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.” (JENKINS, 2008, p. 27) O estudo de Jenkins apresenta convergências entre mídia cooperativa e alternativa, mas, podemos apontar para a existência de outros tipos de convergências: uma ‘técnica’, que é aquela ligada ao desenvolvimento das técnicas, uma ‘comunicativa’, outra ‘cultural’.

Segundo Manuel Castells (1999, p. 22) o entrelaçamento de culturas no novo sistema de comunicação está proporcionando a construção de uma “língua universal”. Como Castells, também Pierre Lévy reforça essa ideia de encontro de culturas e sublinha o caráter criativo que a internet tem que gera “inteligência coletiva” através da construção de um “hipertexto planetário”. Outros tipos de convergências podem ser destacadas no desenvolvimento das redes sociais como as de ‘conteúdos’, ‘significados’ e, enfim, ‘usuários’. Quanto mais todos esses aspectos convergem, mais uniformidade e estabilidade adquire o modelo relacional das redes sociais.

Das comunidades virtuais à sua concretização

Mas se as relações na internet são centradas ao redor dos ‘eua’ é possível falar em relações comunitárias? Depois de ter refletido sobre os conceitos de sistema e de rede, restringimos o campo ao conceito de comunidade, quais são suas características e quais as discussões?

O conceito de comunidade surge para diferenciar a passagem da sociedade tradicional, comunitária, à sociedade moderna, a sociedade. O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, em 1857, diferencia a *Gemeinschaft* (a comunidade), ligada a um ambiente tradicional, familiar, primitivo, religioso, típica da época pré-industrial, dominada pelos sentimentos de pertença e participação, da *Gesellschaft* (a sociedade), conectada com a vida da cidade industrial e científica que começa com a revolução industrial, baseada na racionalidade, no intercâmbio econômico e na ação funcional.

Esses dois conceitos são básicos nos estudos das ciências sociais, e foram aprofundados no decorrer do tempo. Durkheim, por exemplo, acentua a distinção proposta por Tönnies acrescentando a reflexão sobre a solidariedade, ele diferencia entre a solidariedade mecânica e a orgânica. A primeira é típica da *gemeinschaft* na qual o indivíduo, a personalidade individual, se funde na coletividade. A segunda se refere à *gesellschaft*: ela surge das diferenciações e especializações que são propostas na divisão do trabalho a partir da era industrial. A solidariedade orgânica difere da mecânica por ser centrada nos aspectos característicos e individuais das pessoas. A partir da evolução da divisão do trabalho, que para Durkheim tem um valor moral, o indivíduo torna-se novamente ciente de seu estado de dependência com a sociedade. A divisão do trabalho se torna a base da ordem moral da vida em sociedade.

Hoje, o conceito de comunidade é rediscutido pelos pesquisadores que estudam a sociedade e a comunicação atual e propõem diversas reformulações. Devido à grande transformação, as pesquisas sobre comunidades são das mais estudadas pela cibercultura. Referência para esse assunto é a coleção de entrevistas organizada por Federico Casalegno, sobre o tema: “comunidade e comunicação na era das redes.

Serge Moscovici (*apud* CASALEGNO, 2006, p. 71), estudioso do âmbito da psicologia social, afirma que num primeiro momento a ideia de comunidade se caracteriza pelo fato dessa ser conformada por um conjunto de pessoas que vivem num mesmo lugar, baixo as regras da unidade de tempo, de lugar e de relação. Moscovici diz que uma comunidade pode ser criada também pelo fato de existir alguns rituais de interação e de comunhão entre os membros da comunidade. Nesse caso não é o espaço-tempo, mas os rituais que conferem a coerência interna à comunidade, conotando o “fundamento proximal e afetivo” da mesma.

Para Joël De Rosnay, pesquisador do MIT na área de biologia molecular e das tecnologias da informação, também entrevistado por Casalegno (2006, p. 35-36), uma comunidade é ao mesmo tempo uma rede e um sistema. Ele pensa na comunidade como uma rede quando se visualizam os nós, que representam os verdadeiros agentes, os que se comunicam, trocando informações e “regulando-se uns por meio das relações com os outros.” Mas também é possível falar em comunidade utilizando-se da ideia de sistema, pensando que “um conjunto complexo constituído de elementos interdependentes cria uma dinâmica independente do conjunto.” Segundo De Rosney:

Do fato de a comunidade ser formada por seres vivos, únicos, pessoais e originais, ela não pode funcionar senão a partir de certo número de “coações partilhadas”: as leis, as regras, os usos e costumes, os hábitos. Todas essas coações, simultaneamente emergentes e institucionais, cimentam a comunidade. Além do cimento, é preciso notar a existência de uma cultura comunitária, que remete às identidades territoriais e lingüísticas, às tradições folclóricas, musicais e, às vezes também ideológicas, que são outro cimento, noutra plano, dessa comunidade. (*apud* CASALEGNO, 2006, p. 36)

Essas coações mostram os elementos dessa estrutura em rede, que são maiores do que a soma dos indivíduos. Enfim, o sentido da comunidade coincide também com o que Edgar Morin (*apud* CASALEGNO, 2006, p. 132) chama de *comunidade de destino*. Essa ideia tem a ver com o sentimento vívido de solidariedade entre os membros da comunidade e se estende ao sentimento dos indivíduos de compartilhar na construção do futuro e de pertencer a uma mesma entidade “quase biológica”, considerando também os acasos, variável não controlável pelos indivíduos. É interessante lembrar que essa variável também é parte integrante do modelo em rede e poderia se aproximar então da noção de internet como comunidade.

Todos esses autores sublinham como hoje se tem a necessidade de rever todos os elementos característicos e fundadores das comunidades, como a unidade de espaço e tempo e o conceito de identidade, já que esses foram profundamente transformados pelos meios de comunicação. Com essa intenção, a primeira definição que foi dada de comunidade *online* é a de Howard Rheingold, autor do famoso livro *The Virtual Community: Homesteading of the Electronic Frontier*, publicado em 1993.

As comunidades virtuais são agrupamentos sociais que surgem da Rede [Net], quando uma *quantidade suficiente de gente* leva adiante *discussões públicas* durante um *tempo suficiente*, com suficientes *sentimentos humanos*, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético. (RHEINGOLD, 1994, p. 20 – 1993 p.3, *italico nosso*)

Na internet, em um primeiro momento, as conformações identitárias das comunidades virtuais se dão por afinidade de interesses e argumentos, não sendo a variável espacial, no sentido estritamente físico, compartilhada. Serge

Moscovici prefere diferenciar as comunidades da internet daquelas tradicionais dizendo que não podemos no primeiro caso falar em verdadeiras comunidades, mas em fantasmas de comunidade, ou em *comunitarismo*. Para ele existe uma demanda muito grande desse tipo de comunidade e as equipara a outras comunidades como a comunidade internacional e a dos negócios, que também se caracterizam por uma forte instabilidade e pela ausência física.

Segundo o meu raciocínio, a ciber-representação subentende a realidade virtual, que não é um simulacro do real ou um complemento, mas uma concretização da própria representação, uma inserção dos seus “objetos” pela técnica, de entidades que podem “alucinar” e perceber as correspondentes sensações. A ciber-representação também é a condição de existência e de participação em uma comunidade virtual. Assim, uma comunidade “real” pressupõe um contrato, uma instituição ou ainda uma função produtiva específica. (Moscovici apud CASALEGNO, 2006, p. 78)

Abordando a questão do espaço, Robert Kozinets lembra que na era do chamado “*web 1.0*”, se assumia que as pessoas que participavam da vida na internet não se conheciam fisicamente, e que transportar esse intercâmbio ao mundo físico era uma tarefa que acontecia dificilmente. Desenvolviam-se com mais frequência às possibilidades ligadas tanto à ausência física, como à tendência ao anonimato e a ter relacionamentos superficiais ou estritamente ligados ao ambiente virtual, ou seja, simplesmente informacionais. “Social networking sites and virtual worlds carry the complex markers of many cultures and both manifest and forge new connection and communities.”⁸ (KOZINETTS, 2009, p. 7)

Hoje, estamos caminhando para a interdependência das comunidades físicas e *online*. Não se pode esquecer que antes da *web* já existiam as chamadas *comunidades de espírito*, que não necessariamente ocupavam o mesmo espaço físico, cuja prerrogativa era a de compartilhar determinados valores e sentimentos de pertença. Alguns exemplos são a comunidade científica, a cristã ou a afro-descendente, comunidades virtuais cujos membros não se conhecem todos, não necessariamente compartilham o mesmo espaço físico, mas partici-

8. “Os sites de relacionamento na internet e os mundos virtuais transportam a complexa marca de muitas culturas e ambos manifestam e forjam novas conexões e comunidades.” (T.A.)

pam de valores comuns. Visualizando a representação em rede de uma dessas comunidades, podemos perceber como esses valores não necessariamente são veiculados de nó pra nó.

Como observa Joël De Rosnay, a novidade nas comunidades *online* é que elas não somente veiculam alguns valores, mas permitem a “ligação concreta entre as pessoas, via uma comunicação tangível.” Ironicamente, com internet surge um novo aspecto da natureza da comunidade “virtual”: sua realidade. A comunidade permanece virtual pelos valores imateriais partilhados, mas encontra o tempo e o espaço da sua concretização.

André Lemos (2004, p. 141-142), refletindo sobre as ligações que se produzem entre as pessoas na internet, cita o sociólogo belga Marcel Bolle De Bal e o seu conceito de *reliance* [religação] e de “tentação comunitária”.

Para De Bal, a crise dos valores modernos seria consequência de desagregações (*deliances*) que ocorreram no nível sociopsicológico (esquizofrenia capitalista), sociotécnico (alienação no trabalho), socioeconômico (desemprego estrutural) e ainda ontológico (alienação pela sociedade do espetáculo e dos simulacros). A *deliance* moderna é produto da lógica do sistema tecnocientífico, da sociedade individualista e tecnicista. [...] O ciberespaço é fruto da lógica industrial moderna (fonte de *deliance*) e um verdadeiro instrumento de contato (*reliance*).

Para André Lemos, essas religações comunitárias têm um caráter quase místico e afirma que, se para De Bal elas não são proporcionadas pelas tecnologias, que têm uma função isolante e são percebidas como artificiais, com a tecnologia internet, essa perspectiva muda. A internet, carregada dos seus valores e da sua história, se torna um espaço para que aconteçam as religações necessárias a um reencontro entre a sociedade tradicional e a moderna. André Lemos afirma (2004, p. 142) que “a cibercultura se caracteriza pela utilização da tecnologia telemática numa sociedade em busca de *reliance*”, como, para De Bal, a contracultura dos anos ‘70 assumiu o papel social contra a desligação proporcionada pela cultura moderna. Entretanto, é preciso tomar cuidado em não confundir simples agregações eletrônicas com vínculos comunitários.

Serge Moscovici, que se define cético sobre as noções de participação e escolhas individuais proporcionadas pela internet, abre outro caminho para a discussão. Ele lembra que o que tradicionalmente caracterizava as sociedades eram os laços afetivos, muito ódio e muito amor, hoje, ao contrário, nas

comunidades *online* têm-se uma energia afetiva muito fraca que tira delas a estabilidade. Aqui está a grande diferença. Antes, os aspectos negativos de uma comunidade, os ódios, as coisas ruins representavam um valor tão alto quanto os aspectos positivos. Nas sociedades tradicionais existe uma coação que obriga o participar dos rituais, não somente os religiosos, mas também os rituais de conversação, mercantis, familiares, no entanto hoje, nas comunidades *online* esses aspectos são facilitados.

Os rituais evoluem, os mitos mudam, mesmo que os esquemas de conjunto se mantenham. Todos esses elementos estão em contínua mudança. As sociedades, incluídas aí as mais tradicionais, de fato são estruturas em que se notam muitas micromudanças. Não as notamos de longe, mas quando se observa mais de perto, constatam-se mudanças na composição dos grupos, além de outras coisas. Portanto, quando não há coações (não entendidas no sentido negativo do termo), quando se exclui a obrigatoriedade de participação, não existe construção comunitária. Não creio nesse voluntarismo de corte social. Não digo que ele não existe, apenas que não creio nele. (apud CASALEGNO, 2006, pp. 74-75)

Enfim, atualmente, as interpretações complexas da vida em sociedade, mostram que as duas categorias, *gemeinschaft* e *gesellschaft*, não existem ao estado puro, numa divisão dicotômica, mas ambas se compenetraram. Nesse sentido, para Lemos (2004, p. 144), as duas interpretações podem ser observadas no ciberespaço entendendo, ao mesmo tempo, as novas tecnologias como fatores de agregação e desagregação. “Por mais radical que esta agregação eletrônica possa parecer, a ideia não é mais de uma comunidade (*reliance*) contra o sistema (*deliance*), mas de diversas formações comunitárias indiferentes aos sistemas.”

Considerações finais

Com a internet aparece evidente que novos princípios estão sendo difundidos, eles são mundialmente reconhecíveis e sempre mais praticados, já que há um aumento no número de pessoas que acessam a *web* a cada ano em todos os continentes. Ainda assim, a utilização atual da internet se encontra em sua fase inicial e passará por outras transformações que estabilizarão sua utilização. Por agora, é possível ver claramente que a *web* é mais uma tipologia

de espaço aberta pela imaginação do homem, da teoria à prática. Conectados aprendemos a tornarmos parte de uma rede que moldamos a nossa medida, e nas relações passamos por transformações reais. Dedicamos sempre mais tempo às nossas vidas *online* e graças a elas aprendemos a refletirmos sobre nós mesmos e a saber que tipos de ações queremos gerar nas redes. Mas por sermos sujeitos às possibilidades criadas pela rede é fundamental aprender a conhecer o funcionamento dos serviços oferecidos, para sabermos lidar com eles. Ali qualquer ato se torna potencialmente coletivo e definitivamente egocêntrico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR Sônia. Relatório final de pesquisa, Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação. Nupeba, 2006, acesso 20/02/2012, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=63845>

BARBERO Jesús Martín. Dos Meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BOUDRILLARD Jean. À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. Tradução Suely Bastos, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CASALEGNO Federico. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. São Paulo: Sulina, 2006.

CASTELLS Manuel. La era de la información: Economía, sociedad y cultura. Vol.1: La sociedad red. Madrid: Alianza, 1998.

CASTELLS Manuel. La era de la información: Economía, sociedad y cultura. Vol.2: El poder de la identidad. Madrid: Alianza, 1999.

CASTELLS Manuel. A Galaxia de Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DURKHEIM, Émile. A divisão do trabalho social. 3. ed. Lisboa: Presença, 1991.

HINE Christine. Etnografia Virtual, 3ª Ed. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

JENKINS Henry. A cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

KOZINETS Robert. Netnography: **Doing Ethnographic Research Online**. London: **SAGE, 2010**.

LEMOS André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina 2ª Ed, 2004.

LEVY Pierre. O que é Virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY Pierre. A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LÉVY Pierre. As inteligências coletivas. São Paulo: SESC, 2002.

LEVY Pierre. Cibercultura. Tradução Carlos Ireneu da Costa. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

LUHMANN Niklas. Social systems, Stanford University Press. Stanford, California, 1995.

MARKHAM Annette N.; BAYM Nancy K.. Internet inquiry: conversations about method. Thousand Oaks: SAGE, 2009.

RHEINGOLD Howard. La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras. Barcelona: Gedisa, Colección Límites de La Ciencia, 1994.

SANTOS Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª Ed. 5ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS Milton. Espaço e método. 3ª Ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SARAMAGO José. A caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUSA Edivaldo Couto; ROCHA Telma Brito, organizadores. A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.

THURKEL Sherry. Life on the screen: identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster, 1997.